



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## Breaking News #12

SETEMBRO DE 2017

# The End of the Global Rule of Law?

Por Paulo Afonso Velasco Jr. -  
*Senior fellow do CEBRI e professor  
de política internacional da UERJ*

## Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

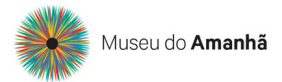
**[www.cebri.org](http://www.cebri.org)**

---

**EXPEDIENTE** Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Superintendente de Projetos: **Renata Dalaqua** | Coordenadora de Projetos: **Barbara Brant** | Coordenadora Administrativa: **Camila Sabino** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Giselle Galdi** | Assistente de Projetos: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Trainee de Comunicação: **Clarice Perrot Cardoso** | Estagiários: **Ana Vibranovski, Evandro Osuna, Gabriel Torres, Luiz Gustavo Carlos, Mauricio Alves** | Voluntários: **Danielle Caroline Batista da Silva, Mariana Panero, Nathália Diniz** | Consultores de Projetos: **Carla Duarte, Nathan Klabin, Suzana Green Haddad** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - [cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br) - [www.cebri.org](http://www.cebri.org)

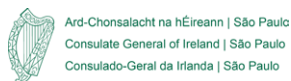
MANTENEDORES:



ASSOCIADOS ESTRANGEIROS:



ASSOCIADOS DIPLOMÁTICOS:



PARCEIROS DE PROJETOS:



Nesta edição, o CEBRI *Breaking News* reporta a palestra “The End of the Global Rule of Law?”, proferida por Andrew Hurrell, professor *Montague Burton* de Relações Internacionais na Universidade de Oxford e membro do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI. No evento, realizado no Rio de Janeiro em 15 de setembro, o Prof. Hurrell abordou os desafios relativos à governança global contemporânea, destacando a fragilidade de instituições e normas que se pretendem globais e as tumultuadas relações de poder entre os Estados no cenário internacional. A exposição de Hurrell foi complementada com observações de Leslie Bethell, membro do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI, que atuou como mediador nesse debate.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer a Andrew Hurrell e a Leslie Bethell pelas suas contribuições para a reflexão sobre o estado atual das relações internacionais. Agradecemos, ainda, ao público e aos conselheiros do CEBRI presentes no evento, assim como à Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), que apoiou a realização dessa palestra no Palácio do Itamaraty.

SETEMBRO DE 2017

---

# The End of the Global Rule of Law?

Por **Paulo Afonso Velasco Jr.** - *Senior fellow* do CEBRI  
e professor de política internacional da UERJ

**P**ara caracterizar a ordem internacional vigente, Andrew Hurrell destaca que a palavra geopolítica está de volta e pode ser percebida em distintas esferas, como no tocante às disputas no Mar do Sul da China, ou na ideia de dissuasão existente na tensão relativa ao programa nuclear norte-coreano. Ao fazer essa observação durante sua palestra no Rio de Janeiro, Hurrell também aponta para as implicações do retorno da geopolítica. Segundo o professor de Oxford, há um transbordamento da geopolítica para outras áreas, evidente na crescente politização de questões relativas à tecnologia e, especialmente, à cibertecnologia.

É também de se reconhecer, segundo Hurrell, que as desigualdades e instabilidades próprias do capitalismo ajudam na expansão de governos populistas ao redor do mundo, bem como na ascensão de nacionalismos. Nesse sentido, o modo tradicional de fazer política teria sido afetado, percebendo-se impasses nas esferas de governança global e em instituições como a Organização Mundial de Comércio (OMC). Até mesmo a continuidade da União Europeia – organização que aparentava ser muito sólida em termos normativos e institucionais – depende agora mais de um entendimento político do que da solidez de suas normas e princípios.

### **A “ordem global liberal” e suas limitações**

Avançando na análise da ordem global, o professor de Oxford entende que a tradição ocidental não é tão liberal como se difunde, reconhecendo, por exemplo, que o populismo e o nacionalismo já se faziam presentes quando do seu estabelecimento. Assim, fenômenos como a eleição de Trump e a vitória do Brexit não seriam propriamente novos, encontrando raízes profundas em outros momentos históricos. Da mesma forma, Hurrell argumenta que nunca houve uma ordem liberal global, pois os mecanismos estabelecidos no pós-Segunda Guerra Mundial alcançavam apenas parte do mundo, estando centrados no eixo Estados Unidos-Europa. Assim, a dimensão normativa da ordem liberal refletia uma história e geografia específicas, levando à percepção do direito internacional como um instrumento civilizador no sistema internacional. Para o palestrante, o direito internacional se propunha a domar a anarquia do sistema internacional, mas acabou refletindo uma vasta proliferação de normas e regulamentos.

Na visão de Hurrell, o estabelecimento da ordem liberal global pelos Estados Unidos foi apresentado como uma alternativa ao caos, o que indicou uma suposta dicotomia entre normas/instituições internacionais, de um lado, e o “caos/desordem”, de outro. Hurrell considera, contudo,

que esse contraste é superficial, não se verificando na história do desenvolvimento das estruturas de governança global.

Hurrell afirma que as “regras fundadoras” do sistema internacional emanam menos de normas/instituições em si e mais de decisões políticas subjacentes. Às instituições caberia um papel de “gerenciamento técnico” de problemas internacionais, como meio ambiente e proliferação nuclear. Nesse ponto, o palestrante aproveita para questionar: **“qual é a ordem global que se busca?”**

O professor de Oxford considera que o período do imediato pós-Guerra Fria foi uma exceção quando analisado em perspectiva histórica e que a lógica de difusão de poder sempre esteve presente ao longo do tempo. **Hurrell propõe, então, que se pense de maneira mais ampla e não localizada e argumenta no sentido de que é a partir do conflito de valores e da distribuição de poder que se explica por que algumas instituições e normas são escolhidas em detrimento de outras.**

Para entender a ordem global contemporânea, o palestrante destaca também a ideia de “difusão de agência”. Agora há mais atores, mais vozes, e a ação passa a ser mais ampla, o que acaba afetando a própria ordem global. Segundo Hurrell, estaríamos diante da “Ascensão do Novo Global”, caracterizada pela emergência de novos Estados, como os países BRICS, que demandam maior incidência sobre a definição de normas e a tomada de decisões em uma ordem multipolar. Esse fenômeno contribuiu para a multiplicação de arranjos e fóruns internacionais alternativos, contrastando com a paralisia de instituições multilaterais como a OMC e a Conferência do Desarmamento.

## **Direito, poder e governança global**

Para o palestrante, o atual desgaste da ordem liberal pode ser percebido tanto na lentidão das respostas internacionais para conter a crise humanitária na guerra da Síria, quanto na polêmica decisão do governo Donald Trump de se retirar do Acordo de Paris sobre mudança do clima. Ambos os casos evidenciam a tradicional e histórica tensão entre direito e poder, mais uma vez presente na ordem global contemporânea.

Andrew Hurrell propõe, então, uma reflexão sobre como pensar as bases do Estado de direito (“*rule of law*”) no seio da governança global. Para os juristas europeus, por exemplo, os direitos humanos devem ser substantivos e funcionam como fundamento para um bom Estado de direito. Já a China prefere uma visão mais soberana, estatista de Estado de direito, não concordando com a perspectiva liberal. Assim, ao sonho liberal do direito como um instrumento civilizador da humanidade – buscando-se, por exemplo, a abolição das armas nucleares – contrapõe-se a realidade (geo)política, central na questão norte-coreana. Segundo Hurrell, em momentos de tensão, o mundo do poder e o mundo do direito tendem a se afastar.

Lembra o professor que são as políticas que definem o alcance e o sentido dos distintos

conceitos e instrumentos associados à governança global e ao direito internacional. Hoje, quando se fala em intervenção, refere-se à sua dimensão humanitária, à lógica da responsabilidade de proteger. Mas nem sempre foi assim, tendo sido necessário um esforço político para atribuir-lhe esse significado. Algo parecido poderia ser dito acerca de conceitos que ganham espaço na ordem contemporânea, como soberania cibernética e segurança cibernética, sujeitos a distintas possibilidades de entendimento e definição, sempre a cargo da política.

A temática nuclear, por exemplo, sempre foi tratada no plano político, mas com o fim da Guerra Fria passou a ser abordada num plano mais técnico, no seio de especialistas. Agora, diante das tensões e disputas recentes, volta a ter uma dimensão política. Afinal, pergunta Hurrell, qual é o caminho para esse tema? A ideia de abolição das armas nucleares em bases liberais, mais técnica, ou uma abordagem política?

Nesse ponto, Hurrell destaca o novo Tratado para a Proibição de Armas Nucleares, o qual foi adotado pela Assembleia Geral da ONU em 2017 sem o apoio dos países nuclearmente armados. Para o professor, esse exemplo evidencia a desconexão existente entre direito e poder na ordem internacional, entre o gerenciamento técnico do problema das armas nucleares e a disputa geopolítica entre Estados Unidos e Coreia do Norte.

## **Globalização, geopolítica e o futuro da ordem global**

Frente a esse cenário marcado por uma composição híbrida de gerenciamento técnico e de geopolítica, Hurrell reitera: a ordem global permanecerá no médio prazo sujeita ao efeito desestabilizador gerado, por um lado, pelo retorno da geopolítica e, por outro, pelas desigualdades produzidas pelo capitalismo global. No que concerne a relação entre globalização e geopolítica, Hurrell destaca: mesmo no âmbito da governança econômica, observa-se a relevância da dimensão geopolítica. Não se trata, portanto, de globalização **ou** geopolítica, mas de globalização **e** geopolítica, muito em função da entrada da China em cena. Sobre a globalização, aliás, Hurrell afirma que **não é um fenômeno neutro, liberal ou inevitável, sendo comuns períodos de limites à globalização ou mesmo de desglobalização** – os quais frequentemente exigem mais regras e não menos.

Afirma Hurrell, ainda, que **entender como o poder funciona e o que ele faz é cada vez mais complexo. A questão que importa verdadeiramente é o uso do poder.** O palestrante argumenta que é preciso pensar em termos históricos, embora os cenários não se repitam necessariamente. O professor, então, concluiu sua palestra com uma pergunta: o que acontece quando as instituições enfrentam períodos turbulentos? Para Hurrell, essa é a questão mais urgente para entender o que se passa atualmente no cenário internacional.



“

São as políticas que definem o alcance e o sentido dos distintos conceitos e instrumentos associados à governança global e ao direito internacional. Hoje, quando se fala em intervenção, refere-se à sua dimensão humanitária, à lógica da responsabilidade de proteger. Mas nem sempre foi assim.”

“

A adoção do Tratado para a Proibição de Armas Nucleares pela Assembleia Geral da ONU sem o apoio dos países nuclearmente armados evidencia a desconexão existente entre direito e poder na ordem internacional.”

“

Não se trata, portanto, de globalização ou geopolítica, mas de globalização e geopolítica, muito em função da entrada da China em cena.”

- Andrew Hurrell



# Biografias

## **Andrew Hurrell**

Membro do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI, Professor Montague Burton de Relações Internacionais na Universidade de Oxford e *Fellow* no Balliol College. Pesquisador especializado em globalização e emergência de novos poderes, Andrew Hurrell é autor de “*On Global Order: Power, Values and the Constitution of International Society*” (Oxford Univeristy Press, 2008).

## **Leslie Bethell**

Membro do Conselho Consultivo Internacional do CEBRI, Professor Emérito de História da América Latina na Universidade de Londres e Bolsista Emérito do Colégio Santo Antônio da Universidade de Oxford. Leslie Bethell é Bacharel e Doutor em História pela Universidade de Londres. Ele também atuou como Diretor do Centro de Estudos Brasileiros e como *Professorial Fellow* no St. Antony’s College da Universidade de Oxford por 10 anos.

## Conselho Curador do CEBRI

### Presidente

José Pio Borges

### Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

### Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

### Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

### Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

### Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2016 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

[www.cebri.org](http://www.cebri.org)